

//

4º DISTRITO

A PARTIR DO OLHAR DOS ATORES SOCIAIS NO BAIRRO FLORESTA

VANESSA MARX
ORGANIZADORA

4º DISTRITO

A PARTIR DO OLHAR DOS ATORES SOCIAIS NO BAIRRO FLORESTA

VANESSA MARX
ORGANIZADORA

© dos autores
1ª edição: 2022

Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Coleção CEGOV
Transformando a Administração Pública

Revisão: Tatiana Weber Mallmann

Projeto Gráfico: Joana Oliveira de Oliveira, Liza Bastos Bischoff, Henrique da Silva Pigozzo

Capa e diagramação: Liza Bastos Bischoff

Apoio: Reitoria UFRGS e Editora UFRGS

Os materiais publicados na Coleção CEGOV Transformando a Administração Pública são de exclusiva responsabilidade dos autores. É permitida a reprodução parcial e total dos trabalhos, desde que citada a fonte.



Q1 4º Distrito a partir do olhar dos atores sociais no Bairro Floresta [recurso eletrônico] / organizadora Vanessa Marx. – Porto Alegre: Editora da UFRGS/CEGOV, 2022.
124 p.: pdf

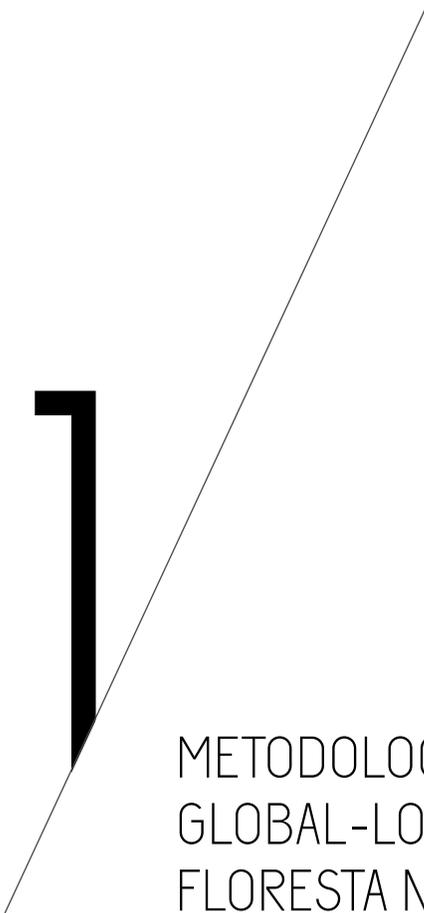
(CEGOV Transformando a Administração Pública)

1. Ciências Sociais. 2. Sociologia. 3. Atores sociais. 4. Administração pública. 5. Cultura. 6. Economia criativa. 7. Governança urbana. 8. Cidades. 9. 4º Distrito – Bairro Floresta – Porto Alegre. I. Marx, Vanessa. II. Série.

CDU 316.334.56:35

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-65-5725-068-6



METODOLOGIA E DIMENSÃO GLOBAL-LOCAL NO BAIRRO FLORESTA NO 4º DISTRITO

VANESSA MARX

Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS, coordenadora do Grupo de Pesquisa Sociologia Urbana e Internacionalização das Cidades (GPSUIC) e coordenadora do Observatório das Metrôpoles – Núcleo Porto Alegre.

GABRIELLE ARAÚJO

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS e integra o Grupo de Pesquisa Sociologia Urbana e Internacionalização de Cidades (GPSUIC/UFRGS).

MARIA CAROLINA MARTINEZ RODRIGUEZ

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS e participa no Grupo de Pesquisa Sociologia Urbana e Internacionalização de Cidades (GPSUIC/UFRGS).

1.1 INTRODUÇÃO

Neste artigo buscamos desenvolver a metodologia elaborada para a pesquisa no 4º Distrito a partir do olhar dos atores sociais no bairro Floresta, realizada no âmbito do Grupo de Pesquisa Sociologia Urbana e Internacionalização das Cidades (GPSUIC). Como mencionado anteriormente na apresentação do livro, realizamos investigação qualitativa com estudo de caso sobre o bairro Floresta.

Em primeiro lugar, seria importante ressaltar que a pesquisa de campo foi elaborada para além da análise documental e de reportagens sobre os planos e projetos do bairro e da região desde 1999 até 2016, com observação participante e realização de entrevistas em profundidade. No meio da pesquisa, o grupo manifestou o interesse de conhecer mais o território, por isso fizemos caminhadas exploratórias no bairro em um primeiro momento com os integrantes do GPSUIC, e, em um segundo momento, com atores sociais que nos mostraram seus percursos. Esta foi uma inovação metodológica neste estudo urbano sobre o bairro, que não estava pensada no projeto de pesquisa e que consideramos que foi muito importante para que os membros do grupo pudessem ter a percepção, por meio de suas subjetividades, sobre o bairro e ao mesmo tempo dialogar com quem vive nele.

Em segundo lugar, seria importante ressaltar que o trabalho de campo foi atravessado pela pandemia da Covid-19, o que nos impediu de realizar caminhadas e observação participante no ano de 2020, e nos levou a pensar que as entrevistas teriam que ser realizadas virtualmente no ano de 2021. A partir desta nova realidade, fizemos um debate coletivo para construção de dimensões, eixos e temas para depois elaborar o roteiro semiestruturado das entrevistas, e realizamos, também, um debate de ética na pesquisa, e em pesquisa realizada de forma virtual.

Em terceiro lugar, cabe mencionar que o processo de pesquisa também foi um processo de aprendizagem das ferramentas que poderiam ser usadas para que pudéssemos trabalhar com os resultados. Foram realizadas duas oficinas virtuais sobre NVivo e também a elaboração de um mapa de palavras, para que pudéssemos inserir na ferramenta.¹ O mapa de palavras assim como as dimensões, eixos e temas para a preparação do roteiro, buscou-se articular com o debate teórico elaborado anteriormente sobre os conceitos de financeirização das cidades, internacionalização das cidades e direito à cidade. Além disso, problematizamos a questão multiescalar através das agendas que vêm sendo pensadas para este território

¹ As oficinas foram realizadas de forma virtual no mês de outubro e novembro de 2021 pelo professor do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) Fernando de Gonçalves.

desde o local, nacional e internacional. Verificamos, nessa pesquisa, que a relação global-local tem um lugar central para pensar como a cidade pode ser atravessada por múltiplas forças e agentes.

A metodologia criada buscou recuperar a dimensão da transformação dos planos e projetos de requalificação urbana e problematizar isso a partir do olhar dos atores sociais e dos fenômenos urbanos que são produzidos na perspectiva global-local. Seria importante ressaltar que este artigo complementa o que foi elaborado em dois artigos anteriores, o primeiro na revista *Cadernos Metrôpoles* e o segundo, que está no prelo, como capítulo de livro do Comitê de Pesquisa de Sociologia Urbana da Sociedade Brasileira de Sociologia.² Neste capítulo buscamos registrar como o processo de pesquisa foi realizado demonstrando os resultados do trabalho de campo, as experiências particulares no/com o bairro, assim como a conformação de redes, de relações de convergências, assimetrias e conflitos e, ao mesmo tempo, contribuir para os debates sobre pesquisas em estudos urbanos.

1.2 O CAMINHAR PARA SENTIR E CONHECER O BAIRRO FLORESTA

O bairro Floresta está situado na região do 4º Distrito de Porto Alegre e possui uma população de 16.085 habitantes dos 1.409.351 habitantes da cidade de Porto Alegre, segundo dados do Censo de 2010, representando 1,14 % da população do município. Com área de 2,19 km², representa 0,46 % da área do município, sendo sua densidade demográfica de 7.344,75 habitantes por km². A taxa de analfabetismo é de 1,24 % e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 6,00 salários-mínimos (Observapoa, 2022).

A região do 4º distrito é delimitada por cinco bairros principais da zona norte do município: Humaitá, Farrapos, Navegantes, São Geraldo e Floresta. A área compreende 892 hectares considerados estratégicos em termos logísticos e na relação global-local de Porto Alegre, pois estão conectados com o aeroporto internacional, rodoviária e área do cais da cidade. De uma perspectiva geral, Porto Alegre apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,805 e o bairro Floresta de 0,878 (Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2020), sendo alvo

² As autoras agradecem a Gabriela Luiz Scapini pesquisadora e coautora dos artigos da Revista *Cadernos Metrôpoles* e de artigo apresentado ao CP de Sociologia Urbana da SBS que são artigos que antecedem este capítulo.

de ações de investimento hoje e caracterizando-se pela sua proximidade ao Centro Histórico e ao Moinhos de Vento, bairro de classe média-alta da cidade que avança sobre o Floresta. Partindo dessa delimitação territorial, podemos perceber que as iniciativas e os empreendimentos existentes nos bairros que compõem essa região, entre os anos de 2008 e 2018, são atravessados por empreendimentos imobiliários e de agentes como artistas, gestores e idealizadores da formação de um distrito criativo, sendo o bairro Floresta um bairro predominantemente de serviços (Marx; Araujo; Silva, 2020).



Figura 1 – Mapa com delimitação do 4º Distrito de Porto Alegre

Fonte: Marx, Araújo e Silva (2020) a partir do Google Maps.

A aproximação inicial com o bairro Floresta, bem como com alguns dos atores que possuem vínculo e atuação nesse território, ocorreu a partir de caminhadas coletivas dos integrantes do grupo de pesquisa. Esta ferramenta para reconhecimento territorial surgiu nas discussões internas do grupo como um caminho exploratório interessante para conhecer o bairro e suas dinâmicas cotidianas, bem como para traçar percursos com atores sociais a partir de suas vivências locais, apreendendo conexões e desconexões, conflitos e alianças.

Inspirando-se em Sennett (2018), sobre as caminhadas na cidade como um ato de conhecer a si mesmo, pensamos as caminhadas pelo bairro como uma possibilidade de conhecer também o olhar do outro. Ademais, buscamos nos aproximar da ideia de *flâneur* (Sennett, 2018), num movimento aberto às experiências do/no lugar e suas particularidades (Jacobs, 2011).

Com o intuito de conhecer o bairro – em seus aspectos materiais, econômicos e socioculturais – por intermédio das caminhadas, buscamos mapear a diversidade de formas, usos e estéticas, como também a diversidade de espaços, atores, projetos e relações que ali se constituem. Nas caminhadas guiadas, atentamos ao olhar e às narrativas situadas marcadas por suas histórias, vínculos, apropriações, redes e atuações no bairro Floresta. Utilizamos, para o registro das observações, fotografias, gravações de áudio e anotações em diários de campo. Essas ferramentas foram relevantes para o compartilhamento coletivo das percepções individuais. Neste sentido, foi realizada posteriormente uma Oficina de Produção e Leitura de Diário de Campo.³

No total, foram realizadas cinco caminhadas exploratórias, as quais ocorreram ao longo do segundo semestre de 2019. Destas, quatro foram guiadas por atores sociais e uma, a inicial, foi definida pelo grupo de pesquisa a partir de algumas impressões e observações prévias da pesquisa acerca do território. Em especial, a existência de distintas territorialidades no bairro Floresta, evidenciadas pela presença/ausência de grupos sociais e sujeitos; por estéticas e formas urbanas contrastantes; e pela inclusão/exclusão desses territórios nos projetos e planos urbanos do governo municipal em parceria com redes privadas e internacionais. Para efeitos analíticos, definimos esses territórios como “Alto Floresta” e “Baixo Floresta”.

Essa divisão foi delineada a partir das três avenidas principais que atravessam o bairro – Avenida Cristóvão Colombo, Avenida Farrapos e Avenida Voluntários da Pátria – e que delimitam os limites espaciais do Floresta em relação a outros bairros adjacentes. Ressalta-se que a Farrapos, importante avenida que conecta o centro da cidade a sua Região Metropolitana, foi identificada como o ponto de (des)conexão entre as distintas territorialidades, figurando como uma espécie de fronteira urbana porosa.

Neste sentido, o “Alto Floresta” corresponde à área próxima ao bairro nobre Moinhos de Vento, localizando-se entre a Av. Cristóvão Colombo e a Av. Farrapos, e se caracteriza pela presença de artistas e pequenos empreendedores, e pela presença de um movimento de expansão cultural e imobiliária que evidencia uma possível elitização, com marcas internacionais. Destaca-se a atuação expressiva de agentes da economia criativa e compartilhada que se relaciona com mudanças na paisagem urbana da região, tais como os circuitos de grafites. Já o “Baixo Floresta”

³ Esta parte será aprofundada no capítulo 2 deste livro.

localiza-se entre a Av. Farrapos e a Av. Voluntários da Pátria, na fronteira com o Centro Histórico de Porto Alegre e a Orla norte do lago Guaíba. Esse território é marcado pelo processo de desindustrialização, que se faz visível nos grandes vazios urbanos, tais como prédios abandonados, amplos terrenos com ruínas urbanas e antigos galpões em estado de degradação. Ademais, caracteriza-se pela presença de movimentos sociais, coletivos, sujeitos e grupos populares, como catadores de materiais recicláveis, moradores em situação de rua, escola de samba, comércios populares, trabalhadoras do sexo, moradores de ocupações e loteamento urbano.

Em um segundo momento, convidamos, para caminhar conosco, quatro pessoas com diferentes tipos de vínculos e atuação no bairro. Considerou-se o critério da pluralidade de atores sociais que vivem e atuam no Floresta, o que nos possibilitou aprofundar o conhecimento acerca das territorialidades do “Alto Floresta” e “Baixo Floresta”, nas suas especificidades, alianças e conflitos. Os atores sociais foram identificados através da rede de contatos do grupo de pesquisa, e os percursos das caminhadas foram escolhidos pelos atores sociais, relacionando-os com suas vivências e relações com/no bairro.

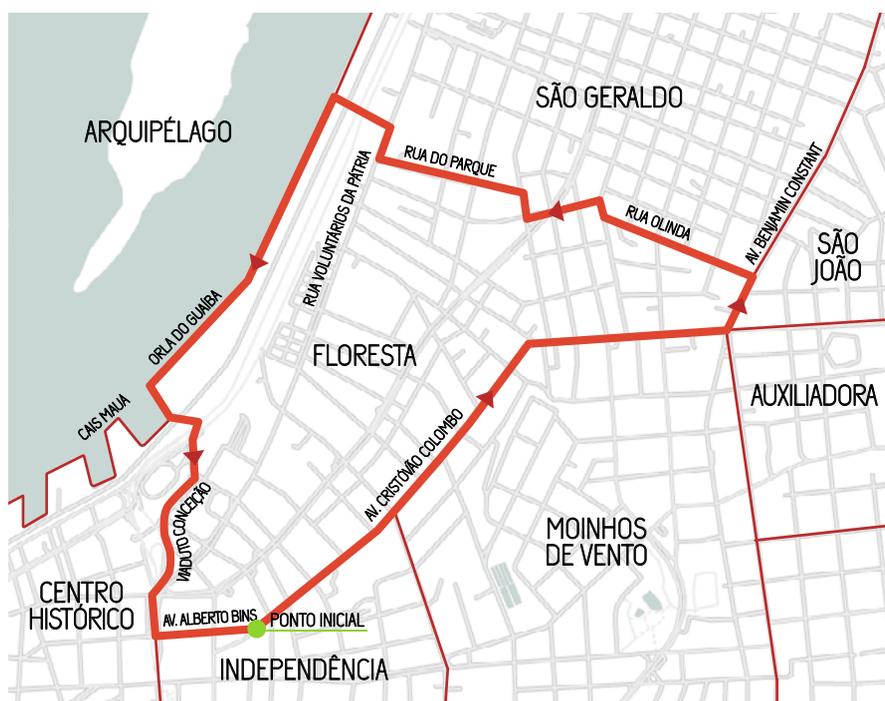


Figura 2 – Mapa com espacialização dos limites do bairro Floresta (2016)

Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre – ObservaPOA (2018).

As caminhadas pelos percursos escolhidos pelos atores sociais nos mostraram subjetivamente seu conhecimento e experiência com o bairro, além dos pontos importantes e conflituos em suas vivências no Floresta, permitindo apreender aspectos do universo de relações específicas de cada ator no território.

De modo geral, aponta-se que as caminhadas exploratórias possibilitaram (re)conhecer o território investigado e algumas das dinâmicas que nele ocorrem, tais como os laços de pertencimentos, as lógicas de inserção e apropriações distintas, os diferentes contrastes sociourbanos, os conflitos e redes de cooperação existentes entre atores diversos e a influência internacional na região. Ademais, possibilitar a identificação de mudanças tanto objetivas como subjetivas.

Ao final desses percursos, o grupo avaliou as caminhadas exploratórias como uma ferramenta metodológica importante para conhecer as dinâmicas socioespaciais e urbanas que atravessam o bairro Floresta na atualidade, bem como o olhar dos atores sociais que vivem e atuam neste território. Deste modo, foi pensada a possibilidade de continuidade, ampliando os percursos guiados. Contudo, o início da pandemia da Covid-19, com suas restrições sanitárias, impôs um limite à pesquisa e optou-se pelo encerramento dessa etapa. As informações coletadas foram utilizadas como base para a construção da etapa seguinte – as entrevistas semiestruturadas –, próximo tópico a ser abordado.

1.3 O PROCESSO DE PREPARAÇÃO DAS ENTREVISTAS COM ATORES SOCIAIS NO CONTEXTO DA PANDEMIA COVID-19

Com as restrições sanitárias da Covid-19, o que significou a impossibilidade de interação presencial, surgiu o interrogante de como dar continuidade à pesquisa de campo através da realização de entrevistas. Nortearam esse debate, no âmbito do grupo de pesquisa, as seguintes questões: a identificação de interlocutores; o acesso e conhecimento dos entrevistados das tecnologias e plataformas online; a ética na pesquisa; o tipo de roteiro e a dinâmica das entrevistas. Optou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas em plataformas online, as quais foram realizadas em pequenos grupos compostos por integrantes do GPSUIC.

Em termos conceituais, as entrevistas foram pensadas como uma modalidade de interação social entre duas ou mais pessoas, que valoriza o uso das pala-

bras, dos seus significados, símbolos e signos que surgem ao longo desta interação guiada, em que os atores sociais buscam dar sentido à experiência social e à realidade que os cerca (Fraser; Gondim, 2004). Neste sentido, o seu uso permitiu captar os olhares dos atores sociais acerca do território, a partir de suas experiências sociais no/em relação a ele, em como percebem a realidade que os cerca.

Decidiu-se pela entrevista do tipo semiestruturada, caracterizada por um roteiro com questões previamente estabelecidas, o que possibilitaria contrastar as falas entre diferentes atores, apreendendo pontos convergentes e/ou divergentes, ao mesmo tempo que permitiria certa flexibilidade, durante a entrevista, para a inclusão de novas perguntas a partir das narrativas dos nossos interlocutores, além de possibilitar maior espaço de fala aos atores. Com isso definido, debatemos a construção de um roteiro-guia da pesquisa, partindo dos conceitos principais (financeirização, direito à cidade e internacionalização das cidades) e avaliando quais eram os objetivos da investigação. Considerou-se a importância do grupo manter uma coesão em relação aos propósitos da pesquisa.

Em continuidade, o grupo passou para a fase de seleção e mapeamento dos atores-chave do/no território. Priorizaram-se os atores que poderiam ter algum tipo de envolvimento e/ou participação na região, ou por serem afetados/beneficiados pelos projetos de requalificação urbana do 4º Distrito, em especial no bairro Floresta. A partir deste critério inicial, realizou-se uma releitura dos cadernos de campo produzidos nas caminhadas exploratórias para localizar atores citados durante os percursos. Por fim, utilizou-se a coleta de informações, em sites na web, jornais locais de grande circulação e em trabalhos acadêmicos, relacionadas a entidades que poderiam ter alguma incidência na região.

Com o resultado do mapeamento, construiu-se a amostra dos atores sociais a serem entrevistados, buscando contemplar a diversidade entre eles, a possibilidade de contrastar as realidades e de compreender as dinâmicas do território em estudo.

Com estes objetivos em mente, discutiu-se a construção de quatro eixos analíticos para orientar a realização das entrevistas: (a) Cultura e Economia Criativa; (b) Coletivos, associações e religiões; (c) Movimentos e Organizações Sociais; e (d) Mercado Imobiliário e o Poder Público.⁴ Os integrantes do grupo de pesquisa se dividiram de acordo com seus interesses de pesquisa em cada um dos eixos analíticos formando grupos.

⁴ Para esta publicação, a nomenclatura dos eixos passou por ajustes, sendo redefinida em específico para os eixos b e c. Acrescentou-se a categoria Coletivos (eixo b) e substituiu-se a terminologia Assentamentos, Ocupações e Loteamentos pelas categorias mais abrangentes de Movimentos e Organizações Sociais (eixo c). As análises destes eixos foram elaboradas em artigo no capítulo 5.

O grupo de Cultura e Economia Criativa buscou identificar atores que atuavam em redes, empreendimentos criativos, tecnológicos, de inovação e com a promoção da arte e cultura no bairro Floresta. O grupo de Coletivos, associações e religiões buscou coletivos e associações com atuação no bairro tais como ONGs e centros que promovem os direitos sociais e humanos para a população local – neste grupo foram incluídas associações religiosas que atuam no bairro Floresta.

O grupo de Movimentos e Organizações Sociais buscou identificar atores que poderiam estar em assentamentos, ocupações e loteamentos urbanos localizados no bairro Floresta e que promovem o direito à moradia e o acesso à região para a população mais vulnerabilizada socialmente. O grupo Mercado Imobiliário e Poder Público buscou atores que trabalham desde o âmbito institucional, conselhos, entre outros. Neste grupo também foram incorporados representantes do mercado imobiliário que trabalham com empreendimentos ou estão investindo no bairro.

Esta organização teve uma importância fundamental para a pesquisa de campo, pois permitiu que cada um dos grupos pudesse discutir acerca do seu eixo e localizar os principais atores sociais enquadrados em cada um deles. Após a imersão e discussões internas nos grupos a respeito dos eixos, foram selecionados atores sociais para as entrevistas. Esta definição foi apresentada e debatida no âmbito do grupo de pesquisa, e foi marcada pela decisão de respeitar a distribuição de gênero, de modo a incluir atrizes sociais para dar maior protagonismo a elas nas cidades, pois muitas vezes acabam sendo invisibilizadas em pesquisas nos estudos urbanos.

A etapa seguinte correspondeu à definição das dimensões e dos temas orientadores da elaboração do roteiro de perguntas semiestruturadas. Para tanto, realizou-se um diálogo entre teoria e empiria, resultando na formulação de quatro dimensões, usadas em todos os eixos, e sempre pensando em apreender aspectos da dualidade global-local e identificar como está sendo formada a coalizão-poder-agenda para este território: (a) Dimensão da Trajetória do Ator Social no bairro Floresta; (b) Dimensão Inserção e Vínculos com o bairro; (c) Dimensão Transformação do bairro Floresta (Presente e Futuro); (d) Dimensão Redes e Interlocação com outros Agentes.

Finalizadas as dimensões da pesquisa, foram discutidos os temas, que variaram conforme cada um dos eixos e grupos, pois considerou-se a existência de distinções na escala de atuação e vínculos com o bairro entre eles, por exemplo, uma associação ou coletivo possui uma escala de ação diferente de um órgão público. Entre os temas trabalhados podemos mencionar: (a) na dimensão trajetória do ator social: intencionalidade, laços de pertencimento com o bairro, relação com o coletivo, apresentação e conhecimento, narrativa sobre o bairro, vínculo e per-

tencimento e relação com o coletivo e com o espaço; (b) na dimensão inserção e vínculo com o bairro: socialização no bairro, associativismo e participação, intencionalidade atuação no bairro, relações pontuais e parcerias no bairro, história do coletivo no bairro, relações de vizinhança, cooperação e conflito no bairro; (c) na dimensão transformação do bairro (presente e futuro): percepção, projetos, participação, percepção das transformações, percepção e conhecimento de projetos; (d) na dimensão Redes e Interlocação com outros Agentes: parcerias institucionais, redes com organizações culturais e da economia criativa, redes e parcerias com outros projetos, relações e parcerias com o poder público, redes com organizações da sociedade civil, redes com a sociedade civil e entidades privadas.

Partindo dessas definições prévias gerais foram construídos os roteiros-guias para as entrevistas semiestruturadas. Cada subgrupo elaborou um conjunto de questões identificadas como relevantes, considerando o eixo ao qual estava vinculado. Assim, embora a elaboração das entrevistas tenha sido orientada por um quadro metodológico comum, os roteiros de perguntas foram adaptados considerando especificidades dos sujeitos e organizações pesquisados. Por fim, seria importante salientar que esta construção buscou evitar a indução da fala dos atores/atrizes sociais a partir de visões pré-concebidas e informações prévias que o grupo já possuía, dando maior abertura para que trouxessem seus olhares sobre os fenômenos investigados, em observância com os truques de pesquisa de Howard Becker (2007).

Como descrito anteriormente, a pesquisa foi alterada pela pandemia da Covid-19. Essa situação suscitou questionamentos e reflexões para o grupo sobre como abordar os sujeitos participantes por meio virtual, respeitando as diretrizes da investigação, sem manipular ou ultrapassar os limites da privacidade dos entrevistados. O grupo decidiu abordar a questão da ética dedicando uma reunião exclusivamente para discutir quais critérios éticos deveriam ser levados em conta para a realização das entrevistas e para o tratamento confidencial das informações dentro do grupo de pesquisadores.

Entendemos que a ética é a disciplina dedicada a estudar como os seres humanos classificam e catalogam boas e más ações. A ética nos permite refletir, com o passar do tempo, sobre o modo como os seres humanos se alteram e se adaptam a novas formas de compreender o bem e o mal. Nas ciências sociais, também houve amplos debates sobre a ética da pesquisa social. Tem sido um caminho repleto de diferentes posicionamentos, em que o papel dos pesquisadores na imersão da vida privada dos participantes das entrevistas, observações, estudos etnográficos e pesquisas começou a ser questionado. Os avanços científicos e tecnológicos têm beneficiado a humanidade de várias maneiras ao longo da história, melhorando a qualidade de vida das pessoas. Porém, o desenvolvimento das pesquisas que acom-

panharam esses avanços implicou problemas éticos que deveriam ser resolvidos à luz de padrões mínimos de conduta para salvaguardar os direitos das pessoas.

Os antecedentes mais imediatos dos códigos éticos na pesquisa em ciências sociais encontram-se no campo da saúde, especificamente a partir dos acontecimentos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial, quando os prisioneiros de guerra foram utilizados para experimentos científicos sem seu consentimento e em detrimento de sua própria vida. Várias investigações icônicas das ciências sociais durante os séculos XIX e XX tornaram-se exemplos do que não deve ser permitido em termos de violação de direitos humanos de pessoas que participam de estudos sociais: invasão de privacidade, engano, fornecimento de informações falsas para convencer os participantes, induzir os resultados de pesquisas com fins políticos, promover o racismo, o classismo e o sexismo, entre outras práticas nocivas na construção do conhecimento científico (Hall, 2008; Jacorzynski, 2013).

Assim, com base em diferentes diretrizes internacionais, foram construídos acordos transversais para a pesquisa nas ciências sociais. Por exemplo, a partir da década de 1980, os comitês de ética em pesquisa passaram a fazer parte do protocolo em pesquisa social; e, a partir de 2005, a inclusão da pesquisa social na Declaração da Unesco sobre Bioética e Direitos Humanos foi um fato contundente (Hall, 2008).

Das diferentes declarações internacionais, podemos extrair algumas premissas que aceitamos na nossa investigação: (a) Validade científica: Patrocinadores, pesquisadores e comitês de ética em pesquisa, de acordo com as Diretrizes do Conselho de Organizações Internacionais das Ciências Médicas (CIOMS), “[...] devem garantir que os estudos propostos sejam cientificamente sólidos e construídos sobre uma base de conhecimento prévio adequado e que possam gerar informações valiosas” (OPS, 2016, Diretriz 1); (b) Respeito pela dignidade dos participantes; (c) O consentimento voluntário do sujeito humano é absolutamente essencial; (d) Evitar danos às pessoas: como diz a Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos da Unesco: em todas as investigações “[...] os possíveis efeitos prejudiciais a essas pessoas devem ser minimizados” (Unesco, 2005); (e) Justiça: conforme declarado na Declaração de Política Tri-Council do Canadá, justiça é um princípio fundamental de ética em pesquisa que se refere: a obrigação de tratar as pessoas com justiça e igualdade. A igualdade envolve tratar todas as pessoas com igual respeito e preocupação. Igualmente, exige a distribuição dos benefícios e atribuições da participação na pesquisa de forma que nenhum segmento da população seja indevidamente onerado pelos males da pesquisa ou negando os benefícios do conhecimento gerado a partir da Declaração de Política Tri-Council: conduta ética para pesquisa envolvendo seres humanos (Canadian Institutes of Health Research, 2018). Em suma, nosso grupo de pesquisa, seguindo os princípios éticos, principalmente em ambiente virtual, discutiu coletivamente o

compromisso e a responsabilidade de: (a) proteção da saúde física e mental dos participantes; (b) consentimento informado voluntário dos participantes; (c) privacidade e confidencialidade das informações; (d) tratamento correto das comunidades onde a pesquisa é realizada.

1.4 A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Depois da discussão dos eixos, dimensões, temas e ética, optou-se por realizar as entrevistas através de plataformas online, com duração de cerca de uma hora a uma hora e meia. Seguindo os critérios apresentados acima acerca da estruturação dos roteiros em eixos, dimensões e temas, respeitando a distribuição de gênero, e considerando o debate de ética expresso na construção de um termo de consentimento,⁵ cada grupo ficou responsável por entrevistar atores selecionados pelo grupo.

Nesta direção, cada grupo teve autonomia para compor a sua dinâmica de entrevista. Por exemplo, um dos grupos optou por se dividir em blocos e cada integrante ficou responsável por um bloco de questões durante a mesma entrevista. Outro grupo trabalhou com um rodízio de entrevistadores para cada entrevista e os demais integrantes ficaram responsáveis por mediar a entrevista e fazer anotações. Uma estratégia importante, relacionada às tecnologias da informação, foi a utilização, simultânea, das redes sociais particulares como meio para orientar o andamento das entrevistas. Considerando a dimensão coletiva da pesquisa de campo, foi possível compartilhar impressões ao longo da realização da entrevista, de modo a auxiliar na identificação de pontos a serem aprofundados ou explorados, bem como de retomar o eixo da entrevista nos momentos em que os entrevistados se distanciavam das questões da pesquisa.

⁵ Como resultado da discussão de ética, foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual foi disponibilizado com antecedência aos nossos entrevistados. Este documento continha: informações sobre a pesquisa – o vínculo com o GPSUIC e a UFRGS; os objetivos da investigação; breve resumo sobre os temas a serem abordados; a dinâmica da entrevista online com indicação de tempo de duração; a garantia do anonimato; o direito de recusa da participação e do acesso aos resultados da pesquisa; um informe do uso dos dados para fins apenas acadêmicos. O TCLE continha também uma declaração, por parte dos entrevistados, acerca da compreensão dos objetivos e da sua participação na pesquisa, bem como uma autorização da gravação e uso das entrevistas. Por fim, foi disponibilizado o contato dos pesquisadores responsáveis para qualquer esclarecimento e/ou dúvidas.

Seria importante mencionar que, na realização do contato com o/as entrevistado/as, preocupou-se em informar sobre os objetivos da pesquisa e entregar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assim como em garantir formas para o acesso à internet e à plataforma online se necessário. Na parte inicial das entrevistas, antes de iniciar o roteiro de perguntas, foi realizada a leitura do Termo, com espaço para dúvidas e esclarecimentos e com o pedido de concordância do/as entrevistado/as. Por fim, solicitou-se permissão para a gravação (de vídeo/voz) para registro e posterior análise.

Durante o período de realização das entrevistas, o grupo estabeleceu uma dinâmica de compartilhamento das observações principais acerca do olhar dos atores/atrizes entrevistados. Assim, as reuniões quinzenais foram dedicadas ao relato dos integrantes dos grupos de pontos identificados como relevantes. Esta atividade permitiu um mapeamento prévio de questões mais gerais e específicas, bem como de aproximações e distanciamentos nas narrativas dos nossos interlocutores sobre suas trajetórias, percepções, redes e ações. Configurou-se, assim, como uma prévia de sistematização, auxiliando na codificação e construção de um mapa conceitual para a análise final da pesquisa. Considerando a complexidade do campo de pesquisa que buscou abordar o olhar de atores vinculados a distintos grupos inseridos no território, com poder variado de atuação e atravessado por diversas relações do local ao global, esta estratégia permitiu visualizar diferenças/semelhanças tanto internamente aos subgrupos quanto entre os subgrupos. Pensando, em particular, nos termos de uma pesquisa coletiva, essa estratégia mostrou uma dinâmica muito profícua para elaboração de uma visão de conjunto.

Na última parte deste artigo seria importante mencionar que, depois da realização das entrevistas, decidimos trabalhar com os resultados de forma coletiva com todos os grupos, mas antes realizamos duas oficinas de NVivo e, entre elas, fizemos um mapa de palavras de forma coletiva a partir da leitura das transcrições das entrevistas para que pudéssemos usar na ferramenta. Neste mapa de palavras, construímos os seguintes pontos que posteriormente seriam trabalhados no NVivo: (a) subjetividade no território; (b) território; (c) histórias; (d) grandes projetos para o território; (e) parcerias; (f) internacionalização; (g) financeirização; (h) fronteiras; (i) direito à cidade.

Seria importante mencionar que, respeitando o anonimato dos entrevistados, as entrevistas foram divididas da seguinte maneira: (a) Cultura e Economia Criativa E1, E2, E3 e E4; (b) Poder Público e Mercado Imobiliário E5, E6, E7, E8; (c) Coletivos, Associações e Religiões E9, E10, E11, E12, E13; (d) Movimentos e Organizações Sociais E14, E15, E16, E17.

Como possíveis interpretações gerais do NVivo, seria importante destacar que avenidas e ruas, bairro e região apareceram em muitas entrevistas e que fo-

ram analisados a partir do ponto de fronteira do mapa de palavras. Este resultado se articula com as caminhadas realizadas e com o território pensado pelo grupo de pesquisa. A Avenida Farrapos aparece como a avenida mais mencionada nas entrevistas, com 25 referências, seguida pela Avenida Voluntários da Pátria (13 referências) e por último pela avenida Cristóvão Colombo (10 referências). Em relação à região, seria importante mencionar que, nas entrevistas, o Centro-Histórico apareceu com 96 referências, seguido pelo 4º Distrito (72 referências) e pelo bairro Floresta (45 referências), o que poderia nos indicar uma ligação forte do bairro Floresta com o Centro-Histórico, apesar de fazer parte do 4º Distrito.

Em relação aos conceitos da pesquisa, classificamos o direito à cidade através das seguintes referências de nossos entrevistados: educação (78), participação (77), mobilidade (66) e habitação (59). A financeirização aparece referenciada através das palavras banco (21) e mercado imobiliário (18) e, por último, a internacionalização aparece com referência ao Banco Mundial (19), iniciativas privadas (16) e redes internacionais (9). Destacamos, ainda, que, ao falar de parcerias o poder público aparece como primeira referência (100), seguido pelas associações (99). Em relação ao território, a cultura aparece como primeiro elemento de caracterização do bairro Floresta, seguida pela gastronomia. Contudo, poderíamos interpretar o bairro como um território de contradições, pois, em terceiro lugar, aparecem as palavras periferia e prostituição.

Para finalizar, cabe mencionar que, através do NVivo, foram geradas nuvens de palavras para cada capítulo deste livro, para que assim pudéssemos visualizar as palavras com maior incidência nas entrevistas dos grupos.

1.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a metodologia desta pesquisa possibilitou compreender as dinâmicas do bairro a partir do olhar de diferentes atores sociais que têm incidência neste território, captando as conflitualidades, disputas, e como as coalizões estão sendo produzidas, quais grupos que estão sendo incluídos e excluídos dos projetos de revitalização. Também permitiu compreender a incidência internacional no local, através das articulações em rede, que se fazem presentes no território e que têm produzido alterações sociourbanas no bairro Floresta. Assim, este trabalho busca contribuir para as discussões acerca da metodologia em estudos urbanos. Seria importante ressaltar que foi um desafio realizar a pesquisa de forma coletiva, de forma virtual e em um contexto adverso de pandemia da Covid-19, que alterou a nossa forma de vida, de produzir conhecimento e de fazer pesquisa.

Consideramos também que as caminhadas pelo bairro, realizadas em 2019, foram uma inovação metodológica não prevista no projeto de pesquisa e que foram importantes para que os pesquisadores pudessem conhecer o território e também, através de suas subjetividades, identificar de forma individual e coletiva as transformações sociourbanas em curso e explorar analiticamente as características e contrastes do que definimos como “Alto Floresta” e o “Baixo Floresta”. Além disso, em um segundo momento caminhar com atores sociais seguindo os seus percursos e olhares foi muito importante para conhecer outras subjetividades que revelavam a diversidade de usos, experiências e relações na dinâmica cotidiana do bairro.

Seria importante mencionar que, a partir dos resultados das entrevistas, resolvemos trabalhar de forma conjunta o grupo de coletivos, associações e religiões e com o grupo de movimentos e organizações sociais, pois entendemos que esses grupos trazem um ponto em comum que é a reivindicação pelo direito à cidade, um de nossos conceitos da pesquisa, e que gostaríamos que fosse visualizado nas análises.

Destacamos, também, o equilíbrio de gênero da pesquisa, tanto na totalidade dos entrevistados/as como em cada um dos grupos. Este olhar de atores na relação com o bairro foi fundamental para identificar problemáticas, disputas, contrastes e para aprofundar temas e necessidades que não são retratadas na análise documental e nos planos para a região. Poderíamos dizer que esta percepção nos dá a dimensão humana do território, em que conseguimos entender as mudanças através de narrativas e experiências no/com o bairro, na formação de redes, de convergências, de assimetrias e de conflitos.

As cidades estão em constante transformação e Porto Alegre não é diferente. Além de estar em processo de revisão do Plano Diretor, para a região 4º Distrito está sendo pensado um plano específico que, neste momento, está em discussão. Esperamos que a pesquisa possa contribuir para pensar metodologias coletivas no campo da sociologia urbana, mas também para identificar e iluminar as percepções da diversidade de atores sociais que se relacionam com o bairro e, a partir das análises do trabalho de campo desta pesquisa, contribuir para a discussão de futuros planos pensados para o Floresta e o 4º Distrito, na cidade de Porto Alegre.

REFERÊNCIAS

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. *PNUD Brasil*, Ipea, FJP, 2020. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/>. Acesso em: 11 mar. 2022.

BECKER, Howard S. *Segredos e truques da pesquisa*. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2007.

CANADIAN INSTITUTES OF HEALTH RESEARCH; NATURAL SCIENCES; ENGINEERING RESEARCH COUNCIL OF CANADA; SOCIAL SCIENCES AND HUMANITIES RESEARCH COUNCIL (2018). *Tri-Council Policy Statement: ethical conduct for research involving humans*, December 2018. Disponível em: 09 mar. 2022, Acesso em: <https://ethics.gc.ca/eng/documents/tcps2-2018-en-interactive-final.pdf>

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004.

HALL, Robert. *Ética de la investigación social. Unidad de Bioética*. México: Universidad Autónoma de Querétaro, 2008. Disponível em: <http://unidadbioetica.com/libros/E%CC%81tica-de-la-investigacio%CC%81n-social.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2022.

JACOBS, Jane. *Morte e Vida de grandes cidades*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p 1-26 e 477-499.

JACORZYNSKI, Witold; SÁNCHEZ JIMÉNEZ, José. Ética y antropología: un nuevo reto para el siglo XXI. *Desacatos*, (41), 2013. p. 07-25. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1607=050-2013000100001X&lng=es&tlng=es. Acesso em: 11 mar. 2022.

MARX, Vanessa; ARAUJO, Gabrielle; SILVA, Luiz Henrique Apollo. 4º distrito e o bairro Floresta: avanço do empreendedorismo urbano ante as dinâmicas locais do território. In: BÓGUS, Lucia; GUIMARÃES, Iracema Brandão; PESSOA, Zoraide Souza (org.). *Cidades brasileiras: temas e questões para debate*. 1ed. São Paulo: Educ, 2020.

MARX, Vanessa, SCAPINI, Gabriela Luiz e ARAUJO, Gabrielle. A dimensão internacional nas transformações urbanas no bairro Floresta em Porto Alegre. *Cadernos Metrôpole*, v. 24, n. 54, p. 435-856, maio/ago. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Orientações para procedimentos em pesquisa com qualquer etapa em ambiente virtual*. 2021. Disponível em <http://www.ufrgs.br/cep/orientacoes-1/procedimentos-em-pesquisas-com-etapa-em-ambiente-virtual/view>. Acesso em: 11 jun. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016. 2016. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cep/resolucoes/resolucao-510-de-07-de-abril-de-2016-2013-ciencias-sociais-e-humanas/view>. Acesso em: 11 mar. 2022.

OBSERVA POA. *Observatório da cidade de Porto Alegre*. 2018. Disponível em: <http://www.observapoa.com.br/>. Acesso em: 11 jun. 2021.

OPS (Organización Panamericana de la Salud y Consejo de Organizaciones Internacionales de las Ciencias Médica). *Pautas éticas internacionales para la investigación relacionada con la salud con seres humanos*. Ginebra: Consejo de Organizaciones Internacionales de las Ciencias Médicas (CIOMS), 2016. 4 ed. Disponível em: https://cioms.ch/wp-content/uploads/2017/12/CIOMS-EthicalGuideline_SP_INTERIOR-FINAL.pdf. Acesso em: 11 mar. 2022.

SENNETT, Richard. *Construir e Habitar: ética para uma cidade aberta*. Rio de Janeiro: Record, 2018.

UNESCO. *Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos*. 2005. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_univ_bioetica_dir_hum.pdf. Acesso em: 11 mar. 2022.